



O contributo do património arquivístico para o enriquecimento cultural: o caso do Arquivo Municipal da Covilhã

Cristina Caetano^a, Carla Alexandra Santos^b, Manuel Conceição^c

^a*Câmara Municipal da Covilhã, cristina.caetano@cm-covilha.pt*

^b*Câmara Municipal da Covilhã, alexandra.santos@cm-covilha.pt*

^c*Câmara Municipal da Covilhã, manuel.conceicao1996@gmail.com*

Resumo

Este artigo refere-se essencialmente à ação da equipa do Arquivo da Covilhã, na produção de conteúdos culturais (visitas guiadas encenadas) para, e com a comunidade, e na integração no questionário e no plano de ação, (Cidade Criativa) bem como das dinâmicas antes e pós designação da Covilhã como Cidade Criativa da UNESCO. Nesta perspetiva apresentamos a importância das equipas dos arquivos, nas demais equipas de cada instituição, cada vez mais, é boa prática a multidisciplinaridade e a interdisciplinaridade, desmistificando o lema antigo “No Arquivo = arquivados” e assumindo uma atitude ativa e participativa, mudando de paradigma para: - nós podemos - nós possuímos - nós sabemos - nós colaboramos, sempre!

Palavras-chave: Arquivo Municipal da Covilhã, Património arquivístico, Comunidade, Projetos interdisciplinares

Na génese da história da Covilhã, no tempo da pastorícia e da agricultura, e segundo o seu foral, os artefactos eram feitos à mão. A sua epopeia começa a desenhar-se a partir dos Descobrimentos e desenrola-se até à atualidade. Na verdade, a importância das primeiras manufaturas instaladas junto às ribeiras da Degoldra, em finais do séc. XV, e da Carpinteira, a partir do século seguinte, foi inquestionável no desenvolvimento de técnicas e práticas produtivas e na sua especialização, vindo a justificar a atribuição do título de Notável, à então Vila da Covilhã. Foi também a relevância dos lanifícios que determinaria, em 1870, a elevação a Cidade. Foi este sentido de oportunidade, determinação e, mesmo, criatividade, após a última fase de esplendor industrial que marcou, essencialmente, a primeira metade do séc. XX. Foi com a indústria dos lanifícios que esta cidade começou a ter um papel único e importante a nível nacional, sendo designada de «Manchester Portuguesa».

Esta identidade marcada pela indústria é, atualmente, uma identidade de memória, raras são, hoje em dia, as fábricas que ainda estão em trabalho contínuo. No entanto, esta memória e (re)conhecimento do passado grandioso industrial da Covilhã, tem sido uma das valências do Arquivo Municipal, como forma de divulgação do património para a construção, de uma identidade que, outrora, foi de indústria. «Assim qualquer objeto, material, comum e anónimo, estabelece dialeticamente nexos com a civilização, a qual, por sua vez, se torna inteligível por seu intermédio» (Costa, 1993, pp. 80-81).

Numa cultura cada vez mais global, são as

«particularidades associadas a determinado local e com as quais os indivíduos, ou grupos de indivíduos, se identificam, podendo através destas comunicar e viver socialmente. Num mundo globalizado, é relevante para a preservação das culturas locais a criação de narrativas ou representação, que possibilitem um esforço identitário e o sentimento de pertença a um determinado lugar, como forma de combater a homogeneização cultural» (Costa, 1993, 431).

É neste contexto que,

«as cidades vivem culturalmente das suas singularidades, sejam estas de ordem material ou imaterial. Por esta razão cada cidade deve afirmar as suas idiossincrasias como forma de preservar e potenciar a sua identidade. Assumindo o seu Património e as suas tradições através de dinâmicas criativas, opondo-se à massificação que as grandes multinacionais, ou cadeias de comércio global introduzem» (Costa, 1993, 430).

A tradição e a inovação consistem no desafio de criar um modelo de desenvolvimento para uma nova cidade, tal como na introdução em vários projetos, bem como na criação de novos produtos culturais que sejam contemporâneos, mas ao mesmo tempo portadores dos valores tradicionais, de forma a que sejam criadas condições para a existência de uma *nova Covilhã*, sem nunca perder de vista a identidade e a raiz da existência ancestral. É neste ponto de vista que um Arquivo Municipal deve integrar-se, de forma plena, na construção de uma agenda cultural.

Esta integração faz parte do espírito do lugar, onde este é a essência de vida, social e espiritual, no qual cada lugar, sendo único, torna-se importante proteger e promover o património tangível e intangível, pelo que é necessário resgatar, inventariar, proteger e divulgar a identidade covilhanense. Este é um dos princípios basilares da equipa do arquivo, que o demonstrou ser, não só através da sua participação no questionário e no plano de ação da *Cidade Criativa, em Design*, mas, também, enquanto novos agentes culturais, de forma a divulgar o seu património a partir de variadíssimas formas, como por exemplo no caso do *Verão no Centro Histórico*.

A atividade *Verão do Centro Histórico* tem como principal objetivo a divulgação do património cultural e imaterial no coração da cidade da Covilhã, nomeadamente em relação ao património arquivístico, história e encenação, e desafia os espectadores a seguirem um trajeto durante o qual é possível descobrirem os acontecimentos, as personalidades e as memórias nas várias artérias do Centro Histórico. O papel do Arquivo foi importante na pesquisa e recolha de documentação inédita, por vezes saindo dos gabinetes para o «terreno» efetuando o reconhecimento do património material em comunhão com o imaterial. No reconhecimento de fontes documentais existentes na instituição, como por exemplo: *Clube União*; *Fundo Histórico* (nomeadamente, com questões relativas à judiaria, às crianças expostas, à arquitetura, à toponímia; à publicidade, entre outros); *António Lopes*; *Visitações*, etc.

Exemplo desse contributo foi a descoberta da primeira Casa da Roda, ou Roda dos Expostos da Covilhã, através de um trabalho interdisciplinar entre o Arquivo do Município e o da Santa Casa da Misericórdia. Após esta descoberta, veio a público que afinal a Casa da Roda ficaria oficialmente implementada no pátio do Hospital da Misericórdia, por acórdão de 24 de maio de 1783, estabelecido entre a Câmara Municipal e a Administração da Misericórdia. No entanto, existem registos de expostos entre 1671-72 num documento e a partir de 1799 noutra. Outra casa da Roda foi implementada na zona do Gameiro já fora do Centro Histórico, apresentado num documento referente à obra de carpintaria do ano de 1891. Com este contributo criámos uma nova visita guiada encenada e colaborativa com o público.

Na candidatura à Cidade Criativa, colaborámos em várias respostas à *Call* e após a nomeação da *Covilhã - Cidade Criativa da UNESCO, em Design*, na concretização do plano de ação. Nas respostas à candidatura trabalhamos de forma interdisciplinar na *História do Design da Covilhã, na Educação para o Design*, no encontro do *Design com outras Artes e Ciências*, em eventos promovidos de várias índoles, porque na candidatura não se pretende apenas referenciar assuntos na área do Design, mas também na Gastronomia, no Artesanato, na Música, no Ensino, na Assistência Social, etc. A recolha em vários fundos e nos documentos inéditos foram cruciais para a esta profícua colaboração.

A concretização do plano de ação passou, por exemplo, pela criação da exposição *Fábrica: Ontem e Hoje*, que só foi possível ser realizada através da visualização e do estudo da documentação existente no espólio do Arquivo Municipal da Covilhã, como por exemplo: *Superintendência e Conservatória dos Lanifícios*; *Reais Fábricas de Panos de Portugal*; *Fundo Histórico*. Esta exposição tinha como principal objetivo demonstrar o passado da cidade evocando a memória fabril, uma vez que o espaço da exposição foi dentro de uma fábrica desativada, a fábrica Francisco Ribeiro Aibéo, a partir de dois

percursos: o percurso da lã (que vai desde a tosquia da ovelha até ao produto final, isto é, os tecidos) e o percurso de conteúdos (que consistia em explicar toda a história da Covilhã desde o século XV até aos dias de hoje).

Conclusão

Em suma, «a cultura pode estar, estará certamente, numa colher de pau!» (Costa, 1993, pp. 80-81). É neste intuito que o património cultural material e imaterial deste território é distinto e diverso. Esta singularidade da cultura identitária é tão mais rica, quanto mais genuína e única for.

É nesta vertente que o Arquivo Municipal da Covilhã é um «fabricador» de cultura, fazendo parte integradora da agenda cultural do município, de forma a preservar a memória e identidade, divulgando o Património Arquivístico a partir dos vários meios, quer tangíveis quer intangíveis. E como ser arquivista é um modo de ser, o Arquivo Municipal da Covilhã, baseia-se no seguinte lema: «Se na matriz da Covilhã os debuxadores faziam um bom tecido, os arquivistas fazem um bom produto cultural!».

Fontes

PT/CMC-AMC/AHM/B/A;

PT/CMC-AMC/AH/01RFPP;

PT/CMC-AMC/AH/31AL;

PT/CMC-AMC/AH/02SCL;

PT/CMC-AMC/AH/10RP;

PT/CMC-AMC/AH/29CU;

PT/CMC-AMC/AHM/M/A/01/1325;

PT/CMC-AMC/AHM/P/E/04/59;

PT/SCMC/OA-MA/001/01/01.

Referências bibliográficas

Costa, D. (1993). A integração do designer no mundo empresarial. Em *Design em aberto uma antologia* (pp. 75-78).

Costa, M. L. A. (2013). *Design para a Inteligibilidade e Fruição do Património Intangível - Itinerários poéticos na cidade de Lisboa* [Tese de Doutoramento, Universidade de Lisboa]. Lisboa. <https://www.repository.utl.pt/handle/10400.5/12276>.

Icomos. (2008). *Declaração de Québec: Sobre a preservação do “Spiritu loci”*. https://www.icomos.org/images/DOCUMENTS/Charters/GA16_Quebec_Declaration_Final_PT.pdf.

Saraiva, A., Madaleno, C. D. & Pinheiro, E. C. (2013). *História da Covilhã: datas, figuras e factos*. (Volume I). Câmara Municipal da Covilhã.